

Introdução

“Imagine-se sozinho em uma terra estranha. Você salta de um ônibus e uma multidão de pessoas do local vem em sua direção, gesticulando e gritando. Suas palavras soam como gritos de animais. Suas gesticulações nada significam para você. Como primeiro instinto você pode querer lutar, empurrar esses intrusos para longe de você; querer fugir para longe de seus gritos incompreensíveis; ou congelar, tentar ignorar o caos ao seu redor.” (Happé, 1994, p.49)

Dentre as muitas linhas de pesquisa relacionadas ao autismo, uma que tem ganhado atenção recentemente é a que trata das disfunções sensoriais. Tem-se começado a pensar no peso desses problemas para o transtorno baseando-se, principalmente, em relatos autobiográficos de autistas com alto grau de funcionamento.

O autismo, também comumente chamado de transtorno autista (DSM-IV-TR, 2002) ou autismo infantil (CID-10, 1998) é um transtorno do desenvolvimento de base biológica inata com etiologia ainda desconhecida. Não existe um marcador biológico específico que caracterize o autismo infantil; acredita-se em uma multicausalidade com fortes indícios de um componente genético. Seu diagnóstico é feito com base nos critérios do DSM-IV-TR (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, 2002) e CID-10 (Classificação Internacional de Doenças, 1998). Os itens de avaliação desses dois instrumentos elaborados pela Associação Americana de Psiquiatria e Organização Mundial de Saúde, respectivamente, referem-se a uma tríade de prejuízos na comunicação, nos comportamentos sociais e padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades que se manifesta antes dos 3 anos de idade.

São vários os graus de comprometimento dentro do *spectrum* autista, dependendo do nível de desenvolvimento e da idade cronológica do indivíduo. O diagnóstico é muito delicado em função dos diversos graus do transtorno e peculiaridades de cada caso. Além disso, muitas das características encontradas no autismo também estão presentes em outros transtornos o que dificulta o diagnóstico e faz com que o autismo se caracterize por uma combinação de comportamentos que constituem um padrão.

São várias as abordagens teóricas que buscam explicar o autismo. A abordagem neurológica, por exemplo, engloba teorias que enfocam distúrbios no cerebelo, na amígdala, no hipocampo, no tamanho do cérebro, nos mapas corticais, bem como nas estruturas chamadas de minicolunas e nos neurônios-espelho. Dentre essas teorias, a que mais tem se destacado ultimamente é a dos neurônios-espelho, recentemente desenvolvida. Segundo ela, um mau funcionamento desses neurônios explicaria déficits comunicativos e sociais observados no autismo. Especificamente, trata dos prejuízos relacionados à imitação, teoria da mente, empatia e ecolalia. Deriva daí seu papel de destaque, uma vez que estes aspectos fundamentais não são contemplados pelas demais teorias neurológicas. Dentre todas as teorias, somente as do cerebelo, minicolunas e mapas corticais tratam de problemas sensoriais no autismo.

Além da abordagem neurológica, os enfoques predominantes são o cognitivista e o desenvolvimentista. Para a visão cognitivista da Teoria da Mente, o comportamento social dos autistas é afetado devido a um prejuízo no mecanismo cognitivo inato que permite ao ser humano imaginar, decifrar as intenções, desejos e estados mentais dos outros, ou seja, desenvolver uma teoria da mente (Lampreia, 2004). Já para a visão desenvolvimentista, na qual se baseia o presente trabalho, o autismo é concebido como um desvio no desenvolvimento, com causa biológica, que compromete a afetividade e a capacidade geral de relacionamento social. De acordo com esse último enfoque, a deficiência inata de sensibilidade, responsividade e expressividade emocional/afetiva/social da criança autista, faz com que ela não possa desenvolver as habilidades comunicativas básicas diádicas características das interações face-a-face nos primeiros 9 meses de vida - fase da intersubjetividade primária. Por não apresentar esses precursores, como consequência, ela não é capaz de desenvolver a relação triádica mãe¹-bebê-objeto - intersubjetividade secundária. Por esta razão, a criança autista não desenvolve a atenção compartilhada – a comunicação não-verbal, precursora da comunicação verbal - e a simbolização (Lampreia, 2004).

Como já dito, o diagnóstico do autismo tem como base uma tríade de prejuízos. Esse critério diagnóstico não faz referência, em momento algum, a prejuízos sensoriais, o que não quer dizer que eles não tenham um papel

¹ Ao longo de todo o trabalho por mãe entende-se cuidador.

importante para o transtorno. Inclusive os primeiros trabalhos ligados ao autismo incluíam descrições sobre respostas incomuns a estímulos sensoriais (Kanner, 1943; Asperger, 1944).

Já em 1974, Delacato atribuía o autismo a uma lesão cerebral que afetava um ou mais canais sensoriais, o que levava a criança autista a perceber os estímulos do ambiente de forma diferente. O autor considerava essas experiências sensoriais incomuns como sendo características primárias no autismo, o que causava a sintomatologia conhecida para o diagnóstico. Esse tipo de trabalho nunca ganhou muita atenção dos estudiosos da área e apesar dessas experiências sensoriais incomuns serem observadas há muito tempo e comprovadas por relatos autobiográficos, elas ainda são consideradas características associadas ao autismo, mas não essenciais para o diagnóstico.

Embora não seja considerado para o diagnóstico, o aspecto sensorial tem ganhado muita atenção recentemente. A comunidade científica passou a dar valor aos relatos de autistas de alto grau de funcionamento, e a partir disso começou-se a investigar o impacto dessas diferenças sensório-perceptivas não só no comportamento, mas também na linguagem, cognição e prejuízos sociais de indivíduos autistas.

Alguns pesquisadores descrevem o autismo não como uma disfunção social, mas como uma desordem dos sentidos, onde cada sentido opera de forma isolada e o cérebro não consegue organizar os estímulos de forma a obter um significado (Hatch-Rasmussen, 1995). Ou seja, não acontece o que Ayres (2005) chama de integração sensorial, processo pelo qual a experiência sensorial é integrada e percebida como um todo, de forma a criar respostas adaptativas.

Segundo um levantamento de relatos autobiográficos feito por O'Neill e Jones (1997), as alterações sensoriais encontradas nos autistas não se limitam a hiper ou hipossensibilidades. Elas também incluem flutuações entre esses dois estados; distorções sensoriais; desligamentos (*shutdowns*), quando, por exemplo, a visão, ou audição, deixa de funcionar por um tempo e depois retorna; sobrecarga sensorial; percepções através de canais múltiplos, quando, por exemplo, um som também provoca sensações de cores e cheiros (sinestesia); dificuldades no processamento de informações através de mais de um canal ao mesmo tempo e dificuldades em identificar por qual canal sensorial a informação está sendo percebida. Para Bogdashina (2003), uma das autoras que mais têm se dedicado ao

assunto, o autismo se caracteriza por um desenvolvimento sensório-perceptivo diferente, o que acarreta o desenvolvimento de mecanismos cognitivos também diferentes como, por exemplo, o pensamento visual comumente descrito por autistas. Temple Grandin (2006), uma autista de alto funcionamento, escreve a respeito de seu pensamento visual:

“Eu penso em imagens. Palavras são como uma segunda língua para mim. Eu traduzo tanto as palavras escritas quanto as faladas em filmes coloridos e com som, que passam pela minha cabeça como uma fita de vídeo. Quando alguém fala comigo suas palavras são instantaneamente traduzidas em imagens. Pessoas cujo pensamento se baseia em palavras geralmente têm dificuldade em compreender esse fenômeno, mas no meu trabalho de designer de equipamentos para indústria de gado, pensamento visual é uma incrível vantagem.” (p.3)

Autistas que escreveram sua autobiografia consideram o transtorno como uma condição diretamente relacionada com o processamento sensorial e sugerem que a causa dos problemas sociais e de comunicação seja de natureza sensório-perceptiva (Grandin, 1996, O’Neil, 1999, Williams, 1992). Grande parte do que se sabe sobre problemas sensoriais no autismo vêm de relatos autobiográficos, embora relatos de pais e pesquisas científicas também levantem evidências sobre o assunto.

As primeiras experiências de um bebê são sensoriais. O aparato sensorial é uma ferramenta essencial nas suas primeiras relações com o mundo. Brazelton e Cramer (1990) descrevem uma série de experimentos com bebês que demonstram a importância adaptativa dos sentidos desde o nascimento. Enfatizam as habilidades dos bebês no que diz respeito, por exemplo, à visão. Os autores propõem que as habilidades de estar e se manter em estado de alerta, bem como de se fixar e responder a um estímulo visual estão diretamente relacionadas à maturidade do bebê e ao bom funcionamento de seu sistema nervoso central. Um bebê sem essas habilidades possui oportunidades limitadas de aprender sobre o mundo. Além disso, para os autores a habilidade visual apresenta um poderoso significado adaptativo na relação cuidador/ bebê. Os bebês também já possuem grandes habilidades auditivas como, por exemplo, preferência pela voz humana (especialmente a voz feminina) a sons não humanos. A audição também se mostra de extrema importância na relação cuidador/ bebê, uma vez que permite uma sincronia em suas interações. Um experimento descrito por Brazelton e Cramer (1990) mostrou que imediatamente após o nascimento os bebês sincronizam seus movimentos ao ritmo da voz da mãe. Conseqüentemente, a mãe adapta sua fala

aos movimentos do bebê e assim começam uma dança interativa (Stern, 2004) com alto valor adaptativo. Ainda para os autores, o tato é o primeiro instrumento de comunicação entre o cuidador e o bebê, não descartando a importância do paladar e do olfato neste processo.

Problemas sensoriais sozinhos talvez não sejam capazes de explicar a complexidade e variedade do transtorno autista, entretanto existem evidências recentes que sugerem que prejuízos sensoriais estejam entre um dos primeiros sinais de autismo em crianças pequenas.

Considerando-se a importância do aparato sensorial para o desenvolvimento do bebê e as evidências de prejuízos sensoriais nos autistas, torna-se fundamental o reconhecimento de problemas sensório-perceptivos em bebês como sinal de risco para o desenvolvimento do transtorno. Embora problemas sensoriais pareçam ser fundamentais para a compreensão do autismo como um todo, ainda não são considerados nos estudos de identificação precoce.

Têm-se enfatizado cada vez mais a importância de uma identificação precoce de bebês com risco de desenvolverem o transtorno, mesmo o diagnóstico do autismo só podendo ser oficializado aos 3 anos de idade de acordo com a CID-10 e o DSM-IV. Isto porque a identificação precoce possibilita uma intervenção também precoce que pode trazer melhoras no quadro clínico do autismo.

Segundo Lampreia (no prelo) os critérios de avaliação tanto da CID-10 como do DSM-IV são muito genéricos e não permitem a identificação precoce, o que tem levado pesquisadores a desenvolver instrumentos que possibilitem essa identificação. Os principais instrumentos, segundo levantamento da autora são o CHAT (Baron-Cohen, Allen & Gillberg, 1992) e ADI-R (Lord, Rutter & Le Couteur, 1994). Esses instrumentos, entretanto só avaliam o risco de autismo a partir dos 18 meses. Porém, relatos de pais de autistas, análises de vídeos familiares e pesquisas sobre comportamentos de atenção compartilhada, isto é, sobre a comunicação pré-verbal no desenvolvimento típico, apontam para indicadores ainda mais precoces do autismo.

De acordo com Lampreia (submetido), a partir de 2005 estudos longitudinais prospectivos têm procurado sinais de risco de autismo a partir dos 6 meses de idade. Essas pesquisas têm envolvido bebês com alto-risco de autismo, ou seja, bebês irmãos de autistas, uma vez que estes apresentam maior risco de desenvolverem o transtorno do que a população em geral. Segundo uma pesquisa

recente (University of Califórnia - SanDiego, 2007) aproximadamente 8% dos irmãos desenvolve o transtorno comparado a 5% do resto da população. Os estudos longitudinais baseiam-se, principalmente, nas interações triádicas mãe-bebê-objeto, levando em consideração categorias quantitativas discretas de atenção compartilhada - olhar para o experimentador, alternância de olhar, apontar e seguir o apontar - que se desenvolvem entre os 9 e 15 meses de idade. Essas categorias são consideradas precursores da linguagem e marcadores do autismo. Lampreia (submetido) atenta para a importância de se considerar os precursores desses precursores da linguagem, encontrados nas interações diádicas mãe-bebê, entre o nascimento e os 9 meses de idade, ou seja, habilidades comunicativas diádicas básicas – contingência, reciprocidade, antecipação, alternância de turno - que permitem o diálogo. Entretanto, de acordo com a autora, esse diálogo só é possível se o bebê for capaz de se engajar emocionalmente, ou seja, se ele for, segundo Hobson (2004), sensível e responsivo às expressões emocionais dos outros, o que parece não ocorrer com bebês com risco de autismo.

Segundo Braido (2006), estudos de vídeos retrospectivos vêm contribuindo para uma mudança no enfoque da investigação de sinais precoces do autismo, que antes era centrado na tríade de prejuízos (comunicação, socialização e interesses restritos e comportamentos repetitivos) e recentemente passou a focalizar o reconhecimento de déficits afetivos iniciais que comprometeriam a socialização de bebês que mais tarde foram diagnosticados autistas. Entretanto, em uma revisão desse tipo de estudo realizado pela autora, somente 1 dos 16 estudos incluiu categorias de análise sensoriais.

Em seu estudo de vídeo, Baranek (1999) concluiu que medidas sensório-motoras, somadas aos déficits sociais, podem ser indicadores potenciais de autismo durante o primeiro ano de vida e devem ser consideradas, uma vez que são evidentes desde o nascimento. No estudo, os bebês autistas apresentaram menor orientação para estímulos visuais, colocaram objetos na boca com maior frequência, apresentaram aversão ao toque social e precisaram de um número maior de dicas para orientar-se ao chamado do nome.

A inclusão de categorias que avaliem problemas sensoriais nos estudos de identificação precoce do autismo poderia trazer nova luz ao entendimento do autismo como um todo bem como de sua natureza. Seguindo o raciocínio do enfoque desenvolvimentista, as relações sociais e por consequência todo o

desenvolvimento da criança autista estariam prejudicados devido a uma falha na capacidade de engajamento afetivo quando bebê. A partir do presente trabalho será razoável pensar que a natureza dessa falha seja de ordem sensorial, ou seja, somente com um aparato sensorial preservado o engajamento afetivo é possível.

Portanto, baseado nas evidências sucintamente expostas, o objetivo desse trabalho é iniciar uma reflexão a respeito da possível relação da tríade de prejuízos do autismo com um aparato sensorial imperfeito no bebê. Considerando-se a importância desse aparato para o desenvolvimento das relações interpessoais do bebê e o fato de 69% a 80% dos autistas apresentam problemas sensoriais (Baranek, David, Poe, Stone, & Watson, 2005, Harison e Hare, 2004) associados à tríade - problemas de comunicação, sociais, interesses restritos e comportamentos repetitivos – pode-se pensar, talvez, no autismo como sendo um transtorno de base sensorial.

O objetivo será cumprido em basicamente 3 etapas. No segundo capítulo será descrito o curso do desenvolvimento sensorial típico do bebê. Será feita uma descrição dos diferentes sistemas sensoriais bem como a apresentação de alguns conceitos importantes, além de se evidenciar a importância do aparato sensorial para o desenvolvimento das relações interpessoais. No terceiro capítulo será apresentada uma descrição do autismo sob uma ótica sensorial. Será feita uma revisão das principais evidências de problemas sensoriais no autismo, bem como uma descrição dos mesmos. O trabalho se encerra fazendo uma discussão acerca da possível relação de problemas sensoriais primários com a sintomatologia do autismo. Também se refletirá sobre a perspectiva de pesquisas na área envolvendo o aspecto sensorial.